

Roger Casement: De Diplomata Britânico para Revolucionário Irlandês

Roger Casement: from British Diplomat to Irish Revolutionary

Brian Glynn¹

Embaixador da Irlanda no Brasil

Resumo: O texto a seguir foi proferido pelo Embaixador da Irlanda no Brasil, S. E. Sr. Brian Glynn na ocasião da abertura da V Jornada de Estudos Irlandeses, promovida pela Associação Brasileira de Estudos Irlandeses e pela Universidade Federal do Tocantins, no dia 9 de maio de 2016, no Museu Histórico do Tocantins. A versão em inglês será publicada no ABEI Journal 18 a ser lançado. Em sua fala, Glynn apresenta a trajetória de Roger Casement inicialmente como defensor dos Direitos Humanos enquanto cônsul na África e na América do Sul e seu posterior envolvimento com o Levante de Páscoa de 1916, que abriu caminho para a independência da Irlanda e provocou sua própria execução em circunstâncias controversas. A despeito de sua execução como traidor da coroa Britânica, a relevância da participação de Casement foi reconhecida, ainda que tardiamente, elevando-o a um dos patronos do renascimento cultural irlandês e a um dos mártires da luta pela liberdade na Irlanda.

Palavras-chave: Roger Casement; Independência da Irlanda; Levante de Páscoa

Abstract: The following text was delivered by the Irish Ambassador to Brazil, S. E. Sr. Brian Glynn, at the V Forum of Irish Studies opening ceremony, promoted by the Brazilian Association of Irish Studies in partnership with the Federal University of Tocantins. The event took place at the Museum of Tocantins History, on 9th May, 2016. The English version will be published on the ABEI Journal n.18, to be released soon. In his speech, Mr. Glynn introduced the trajectory of Roger Casement, firstly as a Human Rights defender, as a Consul in Africa and South America, and his subsequent involvement with the 1916 Easter Rising, which gave way for the independence of Ireland and triggered his own execution in controversial circumstances. Despite his execution as a traitor of the British Crown, the relevance of Casement's participation in the event was recognized, though late, raising the position of a patron of the Irish Cultural Revival and one of the martyrs for the freedom of Ireland.

Key-words: Roger Casement; Ireland Independence; Easter Rising.

Submetido em 20 de maio de 2016.

Aprovado em 10 de agosto de 2016.

É para mim uma grande honra e um enorme prazer poder participar deste evento tão valioso. Em primeiro lugar, queria agradecer e parabenizar à Prof^a Dra. Mariana Bolfarine e à Prof^a Dra. Rejane de Souza Ferreira pelo seu trabalho em organizar este seminário e exposição. O ano de 2016 é para nós, irlandeses, um ano de grandes

¹ A palestra do Embaixador Brian Glynn foi proferida na abertura da V Jornada de Estudos Irlandeses promovida pela ABEI (Associação Brasileira de Estudos Irlandeses) e pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) nos dias 9 e 10 de maio de 2016 em Palmas, Tocantins. A versão em inglês será publicada no ABEI Journal 18 (a ser lançado).

comemorações. O governo da Irlanda está levando a cabo uma década de comemoração entre 2012 e 2022, marcando os eventos que levaram à independência do nosso país. Hoje durante o seminário, vocês vão ouvir apresentações sobre o legado cultural do levante da Páscoa de 1916, evento seminal no caminho para a independência da Irlanda. Em vez de dar uma palestra sobre o levante mesmo, eu gostaria de falar sobre a vida e o legado de Roger Casement, um dos líderes da revolta que foi executado em 3 de agosto de 1916. Eu não sou um historiador profissional e minha fala sobre a vida, o trabalho e o legado de Casement é baseada em minha leitura da excelente biografia dele escrita pelo Dr. Angus Mitchell e de histórias gerais da época. Vou tentar colocar sua vida no contexto dos tempos e tirar algumas conclusões sobre o seu legado. Inevitavelmente, com um caráter histórico tão complexo, o julgamento dos historiadores sobre certos aspectos de sua vida é diferente e vou me referir a essas controvérsias superficialmente. Espero deixá-los com uma impressão de um homem extraordinário, imbuído de uma paixão pela proteção dos direitos humanos dos marginalizados e sem poder; convencido da necessidade de corrigir um erro histórico lutando pela independência da Irlanda; e um homem à frente de seu tempo em suas opiniões sobre a ordem internacional. Sua morte por execução acrescentou mais um mártir na luta pela liberdade irlandesa e seu legado está sendo devidamente compreendido só agora.

Biografia

Roger David Casement nasceu em Dublin em 01 de setembro de 1864, filho do Capitão Roger Casement e de Anne Jephson. Foi batizado na Igreja Anglicana da Irlanda, mas aos quatro anos sua mãe o tinha batizado secretamente como católico no País de Gales. Esta dupla identidade precoce pode ser útil na compreensão da formação do caráter complexo de Casement. Ambos os seus pais morreram na juventude de Roger e ele foi criado com a família no condado de Antrim, Província de Ulster, que hoje em dia fica na Irlanda do Norte. Outra característica de sua vida é que ele raramente vivia no mesmo lugar por muito tempo e isso talvez explique sua ligação com a carreira itinerante de diplomata, e posteriormente sua atuação como revolucionário. A única constante nesta vida itinerante foi sua conexão com o lugar que ele chamou de casa, Magherintemple no condado de Antrim. Em seus escritos, ele afirma que foi neste lugar que ele aprendeu a amar a paisagem e o povo da Irlanda e esse apego à Irlanda tornou-se mais forte ao longo de sua vida.

A Irlanda de sua juventude era um país em fluxo. Sob domínio inglês desde o final do século XII, a Irlanda foi totalmente, mesmo que relutantemente, incorporada no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda pelo Ato de União de 1800. O século XIX foi marcado pelo declínio da capital, Dublin, cada vez mais uma cidade provincial negligenciada e a ascensão de Belfast e do Nordeste, a região mais desenvolvida e de maioria protestante. Os efeitos catastróficos da grande fome da década de 1840 viu a população da ilha cair drasticamente de 8 milhões em 1840 para menos de 4,5 milhões até o final do século. Após as mortes iniciais por causa da fome e da doença, a emigração massiva foi responsável por esta queda dramática na população. A tensão religiosa na ilha de maioria católica continuou a ser uma característica da política, particularmente na província histórica de Ulster com uma divisão religiosa de 50% católica e 50% protestante. A evolução da política democrática dentro do Reino Unido viu o surgimento gradual de um partido político moderno destinado a alcançar a autonomia para a Irlanda, com um parlamento e um governo para a Irlanda dentro do Reino Unido. Enquanto muitos de seus líderes eram protestantes, o apoio para a chamada 'Home Rule' foi esmagadora entre a maioria católica. Os ativistas que desejavam manter o status atual da Irlanda dentro do Reino Unido eram concentrados no Nordeste protestante e industrialmente avançado, organizados no chamado partido Unionista. Temiam uma Irlanda independente de maioria católica e mais voltada aos interesses dos agricultores.

Casement foi destinado a uma vida relativamente convencional como membro da classe média alta e, enquanto o seu caminho para a sua carreira no serviço consular britânico possa parecer estranho hoje, não era incomum, no final do século XIX. Deixou a escola aos dezesseis anos, passou a trabalhar como um funcionário em uma companhia de navegação em Liverpool e logo encontrou seu gosto pela aventura com visitas a África Ocidental. Na verdade, ele passaria a maior parte dos vinte anos seguintes na África.

África e Serviço Consular

Seu tempo na África é o período decisivo de sua vida e desempenha um papel chave em sua evolução posterior. De 1884 a 1892, viu em primeira mão o sistema colonial emergente de dominação e exploração dos recursos naturais entre os impérios europeus concorrentes na África. Sua entrada no Ministério das Relações Exteriores em

1892 marca o início de sua carreira de vinte anos como um oficial consular. O primeiro trabalho que realizou em nome de seus empregadores na Nigéria hoje seria classificado como espionagem: relatórios sobre o movimento de armas e armamentos para as colônias francesas da África Ocidental. Ele iria se dedicar à essa atividade em outros postos, mas era uma parte normal do trabalho dos funcionários consulares da época e só foi uma pequena parte de seu trabalho.

Sua reputação como defensor dos Direitos Humanos lhe rendeu reconhecimento público com a publicação em 1904 do chamado "Relatório Casement", oficialmente intitulado "Correspondência e Relatório do Cônsul de Sua Majestade no Boma a respeito da Administração do Estado Independente do Congo". O relatório, enquanto redigido em língua oficial, detalha a exploração cruel e implacável dos povos indígenas no Congo, na época um feudo pessoal do rei belga Leopoldo II. O relatório chocou a opinião pública educada na Europa e galvanizou a sociedade civil para a ação. A Associação para Reforma do Congo, criada no mesmo ano, atraiu patrocinadores de alto nível e fez lobby para a reforma da administração do Congo, que foi colocado sob o controle do Governo belga no lugar do Rei em 1908. O relato de Casement como testemunha ocular, aliado à pressão social vinda de personagens importantes da época, foram decisivos para alcançar uma mudança drástica por parte de uma administração belga hesitante. Ele estava bem ciente de que suas ações teriam consequências, como escrito ao seu amigo Poultney Bigelow, em dezembro de 1903: "Temo que se esteja armando uma briga terrível sobre minha viagem recente ao Congo. Eu vi algumas coisas revoltantes e pretendo falar a verdade com todo meu coração. O resultado será um inferno, e vou ser alvo de uma onda de injúrias em Bruxelas". E foi assim que aconteceu, mas a sua reputação como humanitário recebeu seu primeiro reconhecimento oficial com a publicação do relatório. Ele também foi homenageado pelo rei Edward VII, como um companheiro da Ordem de São Miguel e São Jorge.

Transformação revolucionária e Período no Brasil

O empenho apaixonado de Casement ao seu trabalho teve efeitos negativos sobre sua saúde e, depois de mais de uma década na África, ele tirou uma licença de afastamento de dezoito meses em 1905. Este período parece ter coincido com sua transformação de nacionalista cultural para nacionalista avançado. Sua experiência na África e seu afeto por seu país de nascimento motivou uma forma mais radical de

nacionalismo. Foi nessa época que ele fez uma palestra na Biblioteca Nacional da Irlanda sobre a possível origem irlandesa do nome do Brasil, com base em uma ilha mítica no Atlântico chamada Hy-Brasil. O panfleto é uma testemunha eloquente do interesse renovado em Estudos Celtas por um lado, e por outro lado um ataque forte contra a supressão anglo-saxônica da história de um povo oprimido. Uma citação da palestra, cortesia da Biblioteca Nacional da Irlanda, dá a ideia de que a inspiração romântica seja derivada desta reconexão com a mitologia da raça irlandesa:

O nome Brasil só poderia ter vindo para o Português do nome lendário Celtic aplicado às ilhas dos bem-aventurados, o Tír na nÓg (* terra da eterna juventude) da terra do sol poente, que o camponês de Galway e de Mayo ainda vê ao pôr do sol, assim como os peregrinos galegos e lusos nos dias de Cabral sonhou com isso antes que seus olhos caíssem de verdade nos picos de Porto Seguro, subindo das ondas ocidentais.

Recém chegado ao Brasil em 1906 como cônsul britânico em Santos, ele escreveu à sua amiga, a escritora nacionalista irlandesa, Alice Stopford Green: “Lembra-te que o meu endereço é: Consulado da Grã-Bretanha e Irlanda, Santos - não Consulado Britânico”. O tempo que Casement passou no Brasil é hoje em dia famoso pela produção por ele de um relatório sobre a exploração dos povos indígenas da região do Putumaio, mas é também onde Casement desenvolveu sua filosofia como nacionalista irlandês avançado. Como Angus Mitchell diz em sua biografia:

Sua análise da economia política no Brasil e sua investigação sobre a indústria da borracha no noroeste da Amazônia, juntamente com o seu profundo conhecimento da geopolítica da esfera atlântica, consolidou ainda mais sua determinação para derrubar um sistema injusto que promoveu a divisão e o sofrimento (MITCHELL 2013)

Casement passou um total de seis anos no Brasil e foi promovido ao posto de Cônsul-Geral no Rio de Janeiro em 1909. Suas duas viagens para a região da fronteira amazônica entre o Brasil, a Colômbia e o Peru resultaria em outro relatório contundente sobre a exploração de povos indígenas em prol dos interesses imperiais ocidentais. Inicialmente destinado a investigar as condições de súditos britânicos contratados em Barbados, a publicação do “Livro Azul”, em 1912, teve um efeito semelhante ao Relatório Casement no Congo, causando o colapso da empresa britânica Companhia Peruana da Amazônia (Peruvian Amazon Company) no ano seguinte. Você vai ouvir mais sobre este período por outros palestrantes de hoje, na sessão da tarde.

Renúncia e Ativismo Republicano

Casement estava no auge de sua carreira e de seu reconhecimento em 1913, tendo sido condecorado pelo Rei George V dois anos antes, quando ele apresentou sua demissão do Serviço Consular. Vale a pena parar a narrativa agora e dar uma olhada para a paisagem política na Irlanda e também examinar o caminho de Casement para o nacionalismo violento republicano. Em 1913, a perspectiva de autonomia para a Irlanda parecia ser iminente. O veto sobre a legislação em mãos da Câmara dos Lordes tinha sido eliminado pelo Ato Parlamentar de 1911, e o projeto de lei sobre autonomia para Irlanda de 1912 era suscetível de ser concretizado em 1914, o mais tardar. A exclusão de toda ou parte do norte da Irlanda, a província de Ulster, das disposições da lei dividiu opiniões em ambos os campos unionistas e nacionalistas. A criação da Força Voluntária de Ulster, em janeiro de 1913 para resistir à introdução da autonomia, se necessário pela força, mudou o cenário político dramaticamente e levou ao estabelecimento de uma força pró-autonomia, os Voluntários irlandeses, em 1914, no qual Casement desempenhou um papel importante. No julgamento posterior de Casement por traição, ele foi retratado como um personagem desengonçado e sem escrúpulos, aflito com uma raiva súbita contra tudo o que era britânico e um convertido recente à causa nacionalista. Esta leitura está em desacordo com os fatos e a adoção por Casement de um caminho mais radical para a liberdade para a Irlanda, que também foi o caso de muitos dos outros líderes da Revolta da Páscoa. O líder da revolta, Pádraig Pearse, por exemplo, era partidário da causa do *Home Rule* até poucos anos antes de 1916.

A deflagração da Primeira Guerra Mundial na Europa em 1914 e a suspensão da aplicação da autonomia para Irlanda até o fim da guerra, deu aos nacionalistas avançados uma plataforma para argumentar que a Grã-Bretanha nunca iria permitir a liberdade irlandesa e que o sistema limitado de autogoverno proposto resultaria em uma divisão artificial da ilha. Casement esteve em Filadélfia nos EUA ao lado do líder republicano veterano irlandês-americano John Devoy quando a guerra eclodiu. Posteriormente, envolveu-se numa série de eventos que levariam à sua prisão, julgamento e execução.

Detenção, julgamento e morte

O movimento republicano irlandês usou por muito tempo o ditado que “a dificuldade da Inglaterra é a oportunidade da Irlanda”. Apesar disso, a grande maioria dos voluntários irlandeses permaneceram leais ao líder do movimento *Home Rule*, John Redmond, e responderam positivamente ao seu pedido para se alistarem no exército britânico. No entanto, uma minoria radicalizada estava determinada a atacar num momento de fraqueza britânica. Casement foi severo a respeito de Redmond, escrevendo para Alice Stopford Green:

O país está sendo vendido – para conseguir pastas, condecorações e lucros - para as mãos dos ingleses. Esse é o meu sentimento e vejo-o prosseguindo. Estes homens não querem a liberdade para a Irlanda - eles querem apenas o governo da maioria, ou seja, domínio católico na Irlanda – e sob ele a Inglaterra vai estrangular a Irlanda cada vez mais e castrar as mentes das pessoas.

Não é surpreendente saber que, a partir de pelo menos o final de 1913, Casement estava sendo seguido pelos serviços de inteligência, especialmente tendo em conta suas atividades passadas. Ele dedicou-se ao trabalho de protorevolucionário com o mesmo senso de dedicação, paixão e compromisso como quando ele trabalhava em defesa dos direitos humanos dos povos indígenas oprimidos. Para ele, essas lutas formavam uma continuidade e não uma ruptura com seu passado, como seria alegado durante seu processo.

Casement passou o período de julho a outubro 1914 nos Estados Unidos e foi ativo em círculos de nacionalistas avançados. Ele escreveu prolificamente e seus ensaios anti-guerra e anti-imperialistas foram amplamente reproduzidos em forma de panfleto nos Estados Unidos e na Alemanha. Após contatos estreitos com a embaixada alemã em Washington, ele viajou para a Alemanha, onde permaneceria até sua viagem fatal para a Irlanda em abril de 1916. Ele não teve êxito em suas tentativas de criar uma brigada irlandesa, dentre os inúmeros prisioneiros de guerra irlandeses na Alemanha e tornou-se cada vez mais desiludido com a assistência oferecida por seus anfitriões alemães. O Casement que viajou a bordo de um submarino alemão para a Irlanda em abril de 1916, estava abatido, diminuído e convencido de que uma insurreição armada por nacionalistas avançados estava condenada ao fracasso. Enquanto seu comboio continha um carregamento de 1.500 fuzis, Casement sentiu que a falta de pessoal e de munições significava que a ação armada teve de ser adiada. Seus movimentos foram rastreados e a comitiva que ia buscá-lo foi incapaz de ajudá-lo; Casement foi preso pela polícia na

sexta-feira da Paixão em 21 de abril. Apesar do fracasso de sua missão, ele escreveu mais tarde “Quando cheguei à Irlanda naquela manhã (por volta das 03h da manhã) encharcado e nadando em direção à uma praia desconhecida, eu estava feliz pela primeira vez em mais de um ano”. Eliminadas as frustrações de seu exílio na Alemanha, Casement estava consciente de que, com a sua captura, seu destino estava selado mas esperava que seria bem sucedido ao menos em retardar o levante. Porém, o Levante ocorreu na Sexta-feira Santa, dia 24 de abril, e foi abafada após uma semana de fortes lutas. Seus líderes foram executados pouco depois e, apesar da crescente oposição da opinião pública na Irlanda e nos Estados Unidos, Casement foi julgado e executado em 3 de agosto.

O julgamento de Casement e sua execução posterior contêm todos os elementos da tragédia clássica. Ele foi julgado por traição quando a causa imediata de sua viagem para a Irlanda foi para interromper o levante contra o domínio britânico. Ele ainda estava comprometido na derrubada violenta da presença britânica na Irlanda, mas ele queria que a insurreição ocorresse em circunstâncias mais propícias. A reação das autoridades britânicas contra o levante foi dura e menos discriminante do que deveria ter sido. O governo britânico sentiu que a Grã-Bretanha tinha sido traída quando mais precisava. No entanto, a resposta das autoridades militares ao levante conseguiu alienar a maioria da população, justamente no pior momento devido à necessidade de manter o apoio dos irlandeses na guerra mundial. A reação à execução dos líderes foi sentida particularmente forte nos Estados Unidos, ainda neutro e com um grande eleitorado irlandês-americano. O atraso entre a primeira onda de execuções no início de maio e o julgamento de Casement deu tempo para uma mudança na opinião pública, que se mostrou cada vez mais contrária à punição severa dada aos líderes. No entanto, Casement foi visto como um caso à parte: um servo leal do rei que levantou armas contra o seu senhor e cujo crime de alta traição não poderia ficar impune.

O julgamento em si foi um grande drama, como seria de se esperar nas circunstâncias. A acusação foi liderada pelo Procurador Geral F.E Smyth, um dos fundadores da Força Voluntária de Ulster, que foi criado para resistir à introdução de *Home Rule* na Irlanda, com uso de força, se fosse necessário. Casement foi defendido pelo filho de um deputado nacionalista, AM Sullivan, que não era páreo para o Smith e que sofreu um colapso nervoso no final do julgamento. Os fatos do caso eram relativamente claros e Casement não negou a sua responsabilidade como um

nacionalista avançado, determinado a acabar com o domínio britânico na Irlanda. Seu argumento fundamental era que o que foi visto como traição na Inglaterra foi somente patriotismo irlandês e que suas ações deveriam ser julgadas com base nisso. O julgamento, por outro lado, foi conduzido de uma maneira que reforçou sua traição e que deixou sua reputação em ruínas. Um grande humanitário condecorado não podia ser enviado para a forca, sem lançar dúvidas sobre seu caráter e sua integridade.

Neste ponto, a reputação de Casement foi posta em dúvida pela circulação de partes que pretendiam ser de seus diários entre figuras influentes. Os resumos catalogaram com grande detalhe supostos encontros sexuais com homens e jovens, muitas vezes em troca de dinheiro, ao longo de muitos anos. Casement era quase certamente homossexual, mas a autenticidade dos diários continua a dividir os historiadores. A circulação discreta e insidiosa dos resumos desses “diários” foi destinada a enfraquecer o caso para ganhar a clemência para Casement, lançando dúvidas sobre a sua integridade. Como um observador neutro do debate acadêmico sobre a autenticidade dos diários, gostaria de me limitar à observação de que a opinião permanece dividida e citar Angus Mitchell novamente, embora num contexto diferente: “O que o historiador deve ater-se neste momento é que são duas versões incompatíveis da mesma história” (MITCHELL, 2013).

O resultado do julgamento, talvez uma conclusão precipitada, foi que Casement foi considerado culpado de alta traição. Seu último recurso argumentou que o estatuto de 1351 sobre a traição se limitou a atos cometidos dentro de reino. O juiz do tribunal de recurso observou que Casement foi “súdito do Rei onde quer que esteja, pode violar sua fidelidade em um país estrangeiro bem como pode violá-la neste país”. Apesar dos pedidos por clemência vindos do mundo inteiro, inclusive do Presidente da Colômbia, do Senado dos Estados Unidos e do escritor de Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle, Roger Casement foi executado, às 9h, em 3 de agosto de 1916. Entre suas últimas palavras em uma carta a seus primos: “é uma morte gloriosa morrer pelo amor à Irlanda [...] Certamente, é a causa mais gloriosa na história. Sempre derrotado - ainda invicto”. Seus restos descansariam numa cova sem marcação no terreno de Pentonville Prison por quase 50 anos.

Legado

A reputação de Casement tem crescido em estatura nas últimas duas décadas enquanto os acadêmicos têm separado as várias vertentes da sua vida e reinterpretado seu trabalho em um contexto contemporâneo. A imagem de Casement como o diplomata desgraçado que virou revolucionário, executado em circunstâncias controversas, cedeu lugar a uma visão mais ampla de sua vida e obra. Um defensor dos direitos humanos, um ardente defensor dos direitos das pequenas nações à independência, um patrono importante do renascimento cultural da Irlanda. Este novo interesse foi provocado por uma nova geração de acadêmicos e historiadores, alguns dos quais falarão hoje. Dentro da historiografia mais ampla do período, existe agora um sentido mais aguçado da diversidade e da diferença de origens dentro do nacionalismo irlandês. Qualquer estudo sobre Casement levará o leitor curioso a estudar alguns dos intelectuais nacionalistas do sexo feminino, como sua amiga Alice Stopford Green, cuja contribuição para a luta nacional pela independência tem sido amplamente ignorada até recentemente. O interesse em Casement na América Latina recebeu um grande impulso com a publicação de “O Sonho do Celta” pelo ganhador do Prêmio Nobel peruano, Mario Vargas Llosa. O autor também recebeu a condecoração mais alta da Irlanda, o Prêmio de Serviço Distinto do Presidente em 2015. Falando na cerimônia de premiação, o presidente Higgins observou:

Seu trabalho sobre Roger Casement ajudou a iluminar uma pessoa negligenciada e a dar uma perspectiva sobre a luta da Irlanda pela autodeterminação. Ele também ampliou o número de leitores da história política irlandesa na véspera de 2016; nomeadamente, incentivando um interesse da parte dos leitores latino-americanos em um ano de grande comemoração e reflexão para esta ilha, com o seu trabalho “El Sueño del Celta. (HIGGINS, 2015)

O livro de Vargas Llosa é um trabalho de amor e típico de suas outras narrativas fictícias sobre eventos históricos como a “Festa do Bode” e a “Guerra do Fim do Mundo”. Casement é caracterizado como enigmático, sonhador messiânico, uma presença quase efêmera tentando corrigir erros em um mundo cuja ordem moral básica ele rejeitou como distorcida.

Eu gostaria de concluir lendo os primeiros e os últimos versos de um poema-balada composto por William Butler Yeats em 1936, em resposta à publicação de um livro sobre os diários de Casement:

Roger Casement

Eu digo que Roger Casement
Fez o que tinha que fazer.
Morreu enforcado,
Velha notícia sem prazer.

Venha falar dele em público
Para corrigir a falha feita
A este cavalheiro tão corajoso
Que hoje em cal deita.

Referências

CASEMENT, Roger. **Roger Casement Papers**. National Library of Ireland. S. d.

MITCHELL, Angus. **16 Lives: Roger Casement**. Dublin: O'Brien, 2013.

HIGGINS, Michael D. **Presidential Distinguished Service Award**. Áras an Uachtaráin, Dublin, Ireland. December 3rd, 2015.

YEATS, William Butler. "Roger Casement". **The Collected Poems of W B Yeats**. London: Wordsworth Editions, 2000. 261.